

A complexidade Inerente aos Processos Identitários Docentes

Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva

Livre Docente FEUSP

Resumo: Os processos identitários docentes resultam de sucessivas interações que se estabelecem entre o sujeito e os diversos meios sócio-culturais e profissionais nos quais se insere em distintas ocasiões. Tais interações permitem a construção de identidades docentes diferenciadas, de acordo com as diversas apropriações de experiências que são feitas pelos sujeitos ao longo de sua vida. Assim, as identidades são continuamente construídas e (re)construídas. Por essa razão, ao estudar os professores, a profissão docente e seus processos identitários, é preciso considerar a heterogeneidade que caracteriza de forma indelével esse grupo ocupacional e que se expressa espontaneamente nas representações embutidas nos discursos daqueles que disputam o espaço escolar ou que atuam na gestão pública.

Palavras-chave: identidade profissional docente, representações, heterogeneidade

A “crise” de identidade

Embora a ideia de identidade venha sendo tratada ao longo da história sob diversos prismas e de diversas formas, a modernidade possibilitou o rompimento com o passado bem como o surgimento de uma nova e decisiva forma de individualismo, que por sua vez permitiu uma nova concepção do sujeito individual e de sua identidade.

Segundo Boaventura Souza Santos (1997), o primeiro nome moderno da identidade foi o da subjetividade. Todavia, a crescente complexidade das sociedades modernas, principalmente a partir da segunda metade do século XX, ensejou a busca de uma explicação alternativa sobre o modo como os indivíduos eram formados subjetivamente por meio de sua participação em relações sociais mais amplas.

De acordo com Hall (2006), a chamada “crise de identidade” à qual muitos se referem, deve ser vista como um processo mais amplo de mudança em que, segundo o autor, desloca continuamente as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referência que possibilitava aos indivíduos até esse momento um apoio razoavelmente estável no mundo social.

Para o autor, já a partir do final do século XX, um tipo diferente de mudança estrutural começou a modificar as sociedades modernas, propiciando uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, forneceram localizações razoavelmente seguras aos indivíduos, mas que já não fornecem mais. Tais transformações, além de mudarem nossas identidades sociais, abalaram também a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Essa perda do “sentido de si” é também denominada de deslocamento ou descentração. Esse deslocamento dos sujeitos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constitui uma “crise de identidade”, posto que a dúvida e a incerteza substituem a coerência e a estabilidade. Assim, segundo Hall (2006), podemos vislumbrar três concepções de identidade ao longo da história: o sujeito do iluminismo, o sujeito social e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo baseava-se numa concepção de pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação, com um núcleo interior que nascia e se desenvolvia junto com ele, permanecendo o mesmo ao longo de sua existência. Já o sujeito sociológico baseava-se na ideia de que esse núcleo interior do sujeito formava-se na relação com outras pessoas importantes para ele, pois a identidade construía-se na interação entre o eu e a sociedade. Para o sujeito pós-moderno, a identidade é definida historicamente e não biologicamente, o que lhe permite assumir identidades diferentes e até contraditórias, já que elas não são unificadas ao redor de um eu coerente.

Além de plurais e em constante transformação, as identificações são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções, Por essa razão, no entender de Boaventura Souza Santos (1997), identidades são, na verdade, identificações em percurso, pois até mesmo as identidades aparentemente mais sólidas como mulher, homem, país africano ou país europeu, escondem negociações de sentido e choques de temporalidades em ininterrupto processo de transformação. Portanto, é sempre importante conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados.

Hall (2006) acredita que o sujeito pós-moderno é um ser inacabado, composto por identidades abertas e contraditórias, justificadas na indefinição de suas fronteiras. E Silva (2000) defende que é a diferença que origina a identidade a partir de um processo de diferenciação, pois ao afirmar que “sou”, estou definindo inúmeras possibilidades de “não ser”.

A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (Hall, 2006, p. 12-13).

Portanto, segundo a perspectiva cultural contemporânea, a identidade e a diferença são invenções sociais, interpeladas pela linguagem e isto ocorre já que as criações linguísticas são produções discursivas. Por essa razão, todo o discurso é uma prática de significação fragmentada e instável, que define, classifica, posiciona e atribui sentido às coisas e pessoas, o que supõe poder (Foucault, 1996). A linguagem produz narrações culturais sobre sujeitos e objetos, passando a classificá-los e constituí-los. Para a teoria cultural contemporânea, a representação é tão instável como a linguagem.

Hall (2006) apresenta cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas, cujo maior impacto foi o descentramento final do sujeito cartesiano já na modernidade tardia (segunda metade do século XX): as tradições do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, o trabalho do filósofo e historiador Frances Michel Foucault e o impacto do feminismo. Tais avanços representaram rupturas nos discursos do conhecimento moderno que foram decisivas para a “crise” de identidade atual.

Embora escape ao objetivo deste artigo a análise de cada um desses avanços, a descoberta do inconsciente por Freud teve um impacto profundo sobre o pensamento moderno e sobre a concepção de identidade, já que para Freud, nossas identidades, nossa sexualidade e nossos desejos se constroem com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona com base numa lógica muito diferente da racional.

Isso acaba com o conceito de um sujeito cognoscente e racional, provido com uma identidade fixa e unificada, já que o inconsciente é o depósito de desejos reprimidos que não obedece às leis da mente consciente. Embora possa ser conhecido, não pode ser acessado diretamente.

Para Lacan, um dos pensadores psicanalíticos influenciados por Freud, a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende de forma gradual, parcial, e com grande dificuldade. Essa imagem se forma paulatinamente na relação com os outros, principalmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, ainda na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela constroi a respeito de suas figuras paternas e maternas. Na “fase do espelho”, a criança ainda não possui uma auto-imagem como pessoa inteira. Ela se vê ou se imagina a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro - como uma pessoa inteira, sem fragmentações.

Assim, a formação do eu no olhar do outro, de acordo com Lacan, representa o momento de sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica, tais como a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a negação de sua parte masculina ou feminina) que são aspectos-chave da formação inconsciente do sujeito e que deixam o sujeito “dividido”, seguem a pessoa durante toda a sua vida.

Entretanto, apesar do sujeito estar sempre partido ou dividido, ele vivencia sua identidade como se ela estivesse unificada, como resultado da fantasia que tece a respeito de si mesmo como uma pessoa inteira que ele formou na fase do espelho. De acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, essa é a origem contraditória da identidade e que acompanha o sujeito pela vida inteira (Garcia-Rosa, 2008).

Os múltiplos significados da identidade

Segundo Melucci (2004), a identidade pressupõe sempre o entrelaçamento de dois aspectos indissociáveis: o individual e o social, pois sempre que nos questionamos sobre nós mesmos e como os outros nos percebem, esbarramos necessariamente em nossa identidade.

E ainda que em nosso cotidiano o termo adquira múltiplos significados, três elementos estão sempre presentes: a continuidade de um sujeito, apesar das variações no tempo e das inevitáveis adaptações ao meio ambiente, a delimitação desse sujeito em relação aos demais, e a capacidade de reconhecer-se e de ser reconhecido. Segundo o autor, é a identidade que define nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos.

Não obstante, a auto-identificação precisa alcançar um reconhecimento intesubjetivo para poder alicerçar nossa identidade, já que a possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses outros. Dessa forma, nossa auto-identificação encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, com a possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações.

Embora seja a identidade que defina nossa capacidade de falar e de agir, não se pode concebê-la apenas como a unidade monolítica de um sujeito, já que ela é sempre um sistema de relações e de representações entrelaçadas de forma complexa. Logo, podemos falar de muitas identidades que nos atravessam, tais como a pessoal, a familiar, a social, a profissional e assim por diante. O que de fato muda é o sistema de representações ao qual nos referimos e diante do qual ocorre nosso reconhecimento.

De acordo com Melucci (2004), o contexto social histórico do qual todo sujeito é, simultaneamente, herdeiro e fruto, exige-lhe autonomia, ainda que relativa, e esta se apoia em sua capacidade de reflexão. Assim, o jogo vivido por cada sujeito se dá no espaço que se vislumbra entre as alternativas possíveis e os limites que lhe são impostos, em todos os aspectos da vida, tanto nas redes de socialização primárias (família e escola), como nas redes de socialização secundária, que envolvem o universo público do trabalho, da política e do lazer.

Os processos identitários docentes

Ao considerar as identidades como processos dinâmicos de produção social, afastamo-nos radicalmente da ideia de identidades estabelecidas e coisificadas, ancoradas numa visão essencialista. Defendemos, outrossim, que a identidade profissional se constroi por meio de sucessivas interações que acontece entre o sujeito e o meio sociocultural no qual se insere.

Segundo Esteve (1995), o conjunto de mudanças sociais e educacionais ocorrido nos últimos vinte anos ocasionou impactos profundos na identidade profissional docente, tais como: o aumento de exigências em relação às atividades desenvolvidas pelos professores; a inibição de outros agentes de socialização, como a família; o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; a ruptura do consenso social sobre o papel da educação; o aumento das contradições no exercício da docência; as mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo; a menor valorização social do professor; as mudanças nos conteúdos escolares; a escassez de recursos materiais e condições de trabalho deficientes; a mudança nas relações professor e aluno e a fragmentação do trabalho do professor.

De acordo com o autor, o despreparo dos professores dos diferentes níveis de escolarização para enfrentar tais mudanças ocasionou a formação de uma crise de identidade docente, que se define como uma contradição entre o eu real (o que os professores conseguem ser efetivamente no cotidiano escolar) e o eu ideal (o que os professores queriam ser ou o que gostariam de ser).

Todavia, o enfrentamento dessa crise provoca reações diversas nos docentes, pois enquanto alguns aceitam as mudanças como inevitáveis, outros experimentam sentimentos de extrema ansiedade e perplexidade e outros ainda se deparam com sentimentos contraditórios em relação às mudanças, aceitando-as e rejeitando-as indiscriminadamente. Esse mal-estar docente se traduz em diversas manifestações, tais como:

- sentimentos de insatisfação perante os problemas reais da prática de ensino em sala de aula, em contradição com a imagem ideal do professor;
- pedidos de transferência de escolas como forma alternativa de fugir dos problemas encontrados;
- desenvolvimento de esquemas de inibição como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que realiza em sala de aula;
- desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não);
- absentismo laboral, em consequência do acúmulo da tensão;
- esgotamento, como consequência da tensão acumulada;
- sentimentos como stress, ansiedade, depreciação do eu (autoculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino), reações neuróticas, depressões e ansiedade como estado permanente.

Com vistas a preparar os professores para enfrentar os inevitáveis desajustamentos ocasionados pela aceleração da mudança social, é preciso incorporar novos modelos ao período de formação inicial e articular novas estruturas de apoio aos professores já em exercício, com a finalidade de que evitem flutuações e contradições na prática de sala de aula e de que encontrem respostas que não passem pela inibição e pela rotina. Assim, a implantação de estruturas de apoio ao professor em exercício deve propiciar diminuição das diversas situações de ansiedade.

Em relação aos cursos de formação de professores, em especial o Curso de Pedagogia, verifica-se, como aponta Arnaldo Niskier (2008), que há na maioria das vezes uma supervalorização da teoria em detrimento da prática educativa. O trabalho concreto em sala de aula é quase sempre colocado em segundo plano, enfatizando-se a aplicação de conhecimentos filosóficos, antropológicos, políticos, históricos e econômicos à educação. O estágio supervisionado é uma disciplina relegada e, às vezes, até inexistente. Assim, como é que o aluno vai aprender a dar aula sem fazê-lo antes, efetivamente, e com a devida orientação?

Além desses aspectos, deve-se apontar que a grande maioria dos alunos dos Cursos de Pedagogia traz consigo limitações construídas ao longo de uma educação básica que por sua vez se revelam na dificuldade de compreender os textos, de escrever corretamente e de conhecer conceitos científicos imprescindíveis. Esses problemas não raro acompanham os alunos durante o curso de Pedagogia, sem que consigam livrar-se deles.

Ainda em relação à formação inicial dos professores, Esteve (1996) estabelece dois aspectos de suma importância: a substituição de abordagens normativas (professor ideal) por abordagens descritivas (conjunto de condicionantes que influenciam as relações entre professores e alunos) e a adequação dos diversos conteúdos da formação inicial à realidade dos alunos, pois os futuros professores em geral dominam os conteúdos a serem transmitidos, mas não têm ideia de como podem estruturá-los e torná-los acessíveis aos alunos de acordo com os diferentes níveis de ensino.

Assim, a formação prática da formação inicial deve permitir ao futuro professor identificar-se a si próprio como professor e identificar-se com os estilos de ensino que é capaz de utilizar, levando em consideração os efeitos que os referidos estilos produzem nos alunos. Além disso, a formação prática deve possibilitar ao futuro professor a capacidade de identificar os problemas que surgem da organização do trabalho na sala de aula, tornando-o capaz de tornar acessíveis os conteúdos de ensino a cada um de seus alunos.

Nessa mesma direção, Nóvoa (1995) denuncia que a formação de professores tem se baseado em dois modelos que se alternam constantemente: um modelo acadêmico, centrado em conhecimentos científicos considerados fundamentais, mas nos quais predomina a separação entre a teoria e a prática; e um modelo prático, centrado no cotidiano das escolas e na aplicação de metodologias, no qual a prática predomina sobre os aspectos teóricos.

Com vistas à superação desses dois modelos, o autor desenvolve o que denomina de modelo profissional, que inclui além da teoria e prática, diversos aspectos relacionados à profissão, principalmente no que tange aos seus limites e contradições, o que poderá favorecer a construção de identidades profissionais docentes mais efetivas e relacionais.

Os trabalhos de Nóvoa (1995 e 1999) reiteram que a atividade docente é um processo de construção social e que apesar das inevitáveis lutas e conflitos, tem-se construído em torno de duas dimensões básicas: a organização de um conjunto de

normas e valores orientadores do exercício da atividade docente e a construção de um corpo de conhecimentos e de técnicas específicas da profissão.

Para o autor, a profissão docente atualmente continua debatendo-se com os mesmos dilemas que a atravessaram no passado: a dependência e a autonomia. A discrepância entre um estatuto social elevado e um estatuto econômico baixo tem acompanhado toda a evolução da profissão docente, criando inúmeras ambiguidades que aumentaram ainda mais diante da inusitada expansão da escola pública e diante da grande heterogeneidade de atores, públicos e contextos organizacionais criados por essa expansão, que por sua vez favoreceu o rebaixamento das exigências relativas à qualificação para a docência e a degradação das condições físicas e humanas de trabalho nas escolas.

Diante de uma realidade social em perpétua mutação, que engendra a todo o momento novos desafios, novas exigências e novos conhecimentos, que questiona ininterruptamente valores e práticas já estabelecidas, que derruba de modo irreversível mitos e verdades acalentados durante um bom período de tempo, resta investigar como o professor consegue construir esquemas representativos de sua identidade profissional e como tenta acompanhar essas mudanças constantes.

Neste caso, o futuro da profissão docente passa a depender cada vez mais das possibilidades e capacidades dos professores de se assumirem ou como atores reflexivos, autônomos e críticos ou apenas como meros agentes do sistema educativo e social, pois a forma como os sujeitos pensam a si próprios como professores e a imagem que constroem de si como professores constituem a base da identidade docente, já que incluem as dimensões tanto da personalidade como da profissionalidade.

No caso da formação de professores, a perspectiva dominante sobre a formação da identidade profissional centraliza-se na discussão em torno das experiências de escolarização que foram vividas por eles. Busca-se compreender, por meio dessas experiências escolares passadas, como os sujeitos se relacionavam com os seus professores e quais foram as práticas de ensino (vistas como negativas ou não) que incentivaram a escolha pela profissão docente.

Considera-se que as memórias das experiências escolares dos professores em formação não são somente lembranças, mas são representações, ou seja, são atribuições de sentido que vão atuar na formação da identidade dos futuros profissionais.

Não obstante, vale salientar que o ato de rememorar é intencional, pois selecionamos o que lembrar e para quem lembrar, definindo quem somos e quem é o outro, e estabelecendo também formas de diferenciação. Por essa razão, o processo de rememorar é essencialmente político, na medida em que se liga às intenções do sujeito de justificar sua posição social e perspectivas de futuro.

Verifica-se que o conceito de identidade tem sempre oscilado entre um pólo individual e um pólo estrutural ou coletivo e os diversos trabalhos que elegeram e elegem estas problemáticas como objetos de estudo têm oscilado igualmente entre esses dois pólos, ora acentuando uma dimensão biográfica (identidades dependentes das trajetórias individuais), ora uma dimensão relacional (maior importância atribuída às relações e interações estabelecidas num determinado espaço estruturado de ação coletiva).

Entretanto, os resultados obtidos nas pesquisas de Tardif e Raymond (2000) sublinham a importância da história de vida dos professores, em particular a história

de sua socialização escolar, tanto no que diz respeito à escolha da carreira e ao estilo de ensino adotado, como no que se refere às relações afetivas e personalizadas que são construídas no ambiente de trabalho.

Por meio de suas pesquisas, demonstram que o "saber-ensinar" tem sua origem nas histórias de vida familiar e escolar, já que se constroi com base nos conhecimentos de vida. Assim, os saberes personalizados e competências que aos poucos foram sendo construídos dependem basicamente da personalidade dos atores, de seu saber-fazer pessoal.

Os autores demonstram também que o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, mas cobre também a existência pessoal dos professores, já que estes, de certo modo, aprenderam seu ofício antes mesmo de iniciá-lo.

A identidade profissional docente e a participação coletiva

A participação do sujeito em ambientes coletivos é fundamental na construção das identidades profissionais. Algumas mudanças sociais como a implantação da industrialização e a universalização da educação, provocando o rebaixamento salarial e a descaracterização do status docente, transformaram radicalmente a identidade docente pautada tradicionalmente na imagem de sacerdócio, mudando-a para educadores de ensino e posteriormente para trabalhadores da educação.

Para Vianna (1999), a história das vivências coletivas do professorado paulista é marcada indelevelmente por mudanças de configuração dos agrupamentos sociais que mapearam a sociedade paulista em sucessivos momentos históricos. Principalmente no decorrer do século XX, os movimentos sociais e de luta de classes deixaram marcas bastante significativas na ação dos trabalhadores, especialmente na ação dos professores.

Sainsaulieu (1987), que tem dedicado vários estudos aos processos sociais da construção de identidades profissionais, defende que os contextos em que os sujeitos se movimentam e se relacionam constituem o eixo central dos processos de construção das identidades profissionais.

Com base nesses estudos, podemos concluir com Dubar que:

As identidades sociais e profissionais típicas não são nem as expressões psicológicas de personalidades individuais nem os produtos de estruturas ou de políticas econômicas impostas lá do alto, elas são construções sociais que implicam a interação entre as trajetórias individuais e os sistemas de emprego, de trabalho e de formação (Dubar, 1999, p 264).

Apesar desses estudos, segundo Nóvoa (1999), os professores ainda oscilam entre um individualismo na ação pedagógica e modelos sindicais típicos de funcionários do estado. Entretanto, as duas representam formas obsoletas de encarar a profissão, já que o empobrecimento das práticas associativas tem consequências muito negativas para a profissão docente.

Tal empobrecimento impulsiona ao descobrimento de novos sentidos para a ideia de coletivo profissional. É fundamental que se encontrem espaços de debates, de planejamento e de análise, que acentuem a troca e a colaboração entre os professores, já que muitos deles se queixam de falta de solidariedade existente entre os pares.

Por essa razão, é imprescindível que os professores possam afirmar sua identidade aumentando sua capacidade de diálogo com outros participantes da atividade educativa e desenvolvendo na escola uma prática de investigação que possa envolver todos os interessados, já que um dos maiores desafios que se coloca aos professores atualmente é o de sua participação em projetos escolares que envolvam simultaneamente docentes, alunos e comunidade.

A docência como profissão

Segundo Sacristán (1995), as profissões definem-se basicamente por suas práticas e por um conjunto de regras e de conhecimentos relativos às atividades desempenhadas pelos diversos profissionais. Diante disso, torna-se difícil identificar uma única identidade profissional docente à medida que os professores possuem uma profissionalidade essencialmente dividida, uma vez que não produzem os conhecimentos que reproduzem e nem determinam as estratégias práticas de sua ação. Assim, a relação que cada docente vai aos poucos construindo vão construindo paulatinamente com os saberes que utilizam em sua prática fica muito restrita ao seu compromisso com a realidade social da qual são parte integrante (Silva, 2008a).

Para o autor, o papel desenvolvido pelos docentes nos diversos níveis do sistema educativo bem como suas margens de autonomia são configurações históricas que têm muito a ver com as relações específicas que se foram estabelecendo entre a burocracia que governa a educação e os professores, já que para além do espaço concreto da sala de aula, o trabalho docente é condicionado pelos sistemas educativos e pelas organizações escolares nos quais estão inseridos.

Consequências da heterogeneidade: identidades divididas ou multiplicadas?

Ao pensar na identidade da categoria docente, bem como nos traços e diversos aspectos que caracterizam esse grupo tão heterogêneo, parece à primeira vista que a característica mais abrangente é a de que todos se dedicam ao ensino. Entretanto, existem diferenças que só podem ser identificadas à medida que passamos ao estudo de seus efetivos processos de significação.

Entre essas diferenças, verificamos que os docentes representam uma categoria constituída, em sua maioria, por mulheres, pelo menos no ensino básico. Por outro lado, os docentes exercem seu trabalho em instituições e sistemas de ensino diferenciados tanto por nível como por jurisdição: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, estabelecimentos de ensino públicos, privados, oficiais, formais, não-formais.

Tal heterogeneidade, atrelada tanto às questões de gênero como às diferenças entre os diversos sistemas de ensino, acarreta questões urgentes tanto para o estudo da ocupação docente, como para o encaminhamento de lutas políticas e sindicais (Oliveira, 2007).

Em decorrência dessa heterogeneidade, as condições de trabalho e os interesses demonstrados pelos professores são extremamente marcados pela posição profissional e institucional que ocupam. Da mesma forma, as exigências relacionadas à formação e à qualificação profissional também são bem diversas. Portanto:

Estudar os professores, a profissão docente e a identidade profissional implica o reconhecimento da heterogeneidade que caracteriza este grupo social e ocupacional. Desde as diferenças individuais até as diferen-

ças ou afinidades grupais, que distinguem, aproximam ou opõem uns grupos em relação aos outros no seio da mesma profissão, é possível encontrar uma grande diversidade de fatores ou variáveis que sustentam e concorrem para essa heterogeneidade (Ferreira, 2006, p.319).

Entre os fatores que sustentam a heterogeneidade da profissão docente, podemos salientar o nível de ensino em que os professores ou educadores trabalham (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior), a disciplina que lecionam, a situação profissional (efetivo, concursado, contratado), a habilitação acadêmica e profissional (bacharel, licenciado, especialização, mestrado, doutorado), o tempo de serviço e a posição na carreira, a localização e a dimensão da escola onde trabalham (urbana, rural), a experiência profissional (escolas onde trabalharam, cargos, funções e atividades específicas desempenhadas nas escolas e sistemas educativos), associações profissionais a que pertencem, as situações de estabilidade ou de mobilidade, etc.

Segundo Sacristán (1996), o ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas principalmente porque estes atores refletem a cultura e os contextos sociais aos quais pertencem.

Logo, não devemos supor que as identidades profissionais docentes se reduzam apenas ao que os discursos oficiais dizem sobre elas, já que elas a todo o momento negociam suas representações em meio a um conjunto de variáveis extremamente complexas tais como: a história familiar e pessoal dos docentes, as condições de trabalho e os discursos que revelam o que são e as funções que desempenham (Silva, 2007).

À medida que os discursos pedagógicos e sociais acentuam o papel dos professores em relação à prática pedagógica, verifica-se que eles atribuem aos docentes uma hiper-responsabilidade tanto em relação à prática pedagógica como em relação à qualidade de ensino. Essa situação reflete um sistema escolar centrado na figura do professor como condutor visível dos processos institucionalizados de educação.

Identidades docentes e o desafio da Educação à distância

Verificamos que as práticas docentes se modificam drasticamente após a criação da EAD (Educação à Distância), cujas iniciativas já ocorrem em diversas Universidades públicas e privadas.

Entretanto, as redes e as novas formas de aprendizagem possibilitadas pela *internet* acarretam a necessidade de se buscar uma nova perspectiva para a construção de conhecimentos que deve realizar-se de uma forma diversa do velho conceito de linearidade, instaurando um conceito de professor relacionado ao de tutor, que por sua vez se baseia no conhecimento e domínio das tecnologias e da linguagem informacional que lhes permitam trabalhar em ambientes virtuais com técnicas de aprendizagem diferenciadas.

Dessa forma, embora a prática profissional possa depender de decisões individuais, rege-se por normas coletivas adotadas por outros professores e por normas organizacionais. E ainda que a cultura da instituição seja um elemento essencial da prática profissional, é preciso nunca esquecer as determinações burocráticas da organização escolar. Por essa razão, para Sacristán (1995), a essência da profissionalidade docente reside na relação dialética entre conhecimentos, destrezas profissionais e os diversos contextos práticos.

Em vista de tais razões, a competência docente não é tanto uma técnica composta por uma série de destrezas baseadas em conhecimentos concretos ou na experiência, nem uma simples descoberta pessoal, já que o professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em diversos contextos pedagógicos práticos.

Se considerarmos que a identidade representa um dos pilares da formação da consciência histórica, a valorização da memória histórica dos alunos e professores é importante para entender os tipos de consciência histórica por eles manifestados. Tal aspecto torna-se importante à medida que a identidade profissional docente parece estar na encruzilhada entre uma valorização do ensino humanista e crítico presente nos cursos de formação de professores, e uma perversa realidade existente nas escolas, que visa à formação de habilidades para a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho.

O ensino virtual abre um leque de novos estudos e pesquisas, os quais, por sua vez, se fundamentam em novas relações que se constroem entre professor e aluno e entre aluno e aprendizagem, impondo aos docentes a necessidade emergente de aquisição de novas habilidades e novas competências relacionadas a essa área de atuação.

Assim, há em relação à identidade docente algumas questões que atravessam todos os questionamentos a serem feitos: O que se espera dos professores na educação à distância? Quais os novos conhecimentos e domínios que eles precisam possuir? Sob qual critério ético devem trabalhar dentro da EAD? O que serão os professores? Só professores? Funcionários e tutores, simultaneamente?

Representações e identidades profissionais

Pudemos verificar que a identidade profissional dos docentes pode ser vista como uma construção social na qual participam múltiplos fatores que interagem continuamente entre si, resultando numa série de representações que os docentes fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, consciente e inconscientemente, diversas negociações das quais certamente fazem parte suas histórias de vida, as condições concretas de trabalho, o imaginário recorrente acerca dessa profissão que por sua vez é marcado indelevelmente pela gênese e desenvolvimento histórico da função docente e, por fim, os discursos que circulam ininterruptamente no mundo social e cultural relacionados aos docentes e à escola.

Logo, os diversos discursos docentes englobam representações que estão em constante negociação, já que disseminam a todo o momento não só ideias relacionadas à organização dos sistemas de ensino e à gestão dos docentes nos diversos níveis de ensino, como também aos objetivos e às metas do trabalho dos professores, bem como aos discursos que atravessam as práticas docentes e que repercutem na sociedade como um todo, construindo aos poucos uma identidade profissional multifacetada e heterogênea.

As representações sobre o que é ser professor vão se tornando cada vez mais complexas diante da diversidade de ensino, da diversidade de relações que os docentes desenvolvem em relação aos múltiplos conhecimentos que fazem parte de seu campo de docência e de pesquisa, das relações que desenvolvem tanto com o espaço como com o tempo de ensinar, e, finalmente, das novas formas de interagir com os alunos através do sistema *on line*.

Entretanto, aceitar que a produção da identidade e da diferença é uma construção social efetuada a partir dos discursos que se fazem das mesmas, significa considerá-las no universo das representações, mas também compreendê-las no âmbito das relações de poder. Quem é o sujeito que enuncia o que o outro é? O que é como ele denuncia? De que espaço social e político ele enuncia? De que maneira o enunciador estabelece fronteiras para diferenciar-se do outro?

Ainda que uma maioria expressiva de educadores considere que a prática profissional docente deva ser singular, diversificada e multifacetada, verifica-se, não obstante, que a representação que esses profissionais possuem da própria profissão e do processo educacional depende em larga escala tanto da visão político-pedagógica que os mesmos possuem a respeito do processo educacional, como também de seus problemas e das posturas necessárias para superá-los.

Entra-se aqui no campo das identidades e diferenças coletivas. No espaço da identidade docente, podemos refletir sobre alguns aspetos: Quais seriam os discursos constituintes da identidade do professor que uma determinada sociedade faz de seus professores em geral? Haveria uma representação única do que seria ser professor nessa sociedade? E quais são as representações que esses professores tem de si mesmos? Esses discursos diferenciam os professores dos profissionais de outras profissões? O que significa nesta sociedade ser professor de ensino superior e professor de Educação Infantil?

Considerando que as identidades estão associadas a sistemas de representações que por sua vez são socialmente produzidos, a discussão sobre a produção social das diferenças como produtos de relações assimétricas de poder é de suma importância. Nestes termos, acreditamos que a contribuição mais importante é a possibilidade dos trabalhadores em educação criticarem as imagens de seu trabalho, que lhe foram imputadas ao longo da história e que acabaram por marcar a profissão, ora como sacerdócio, ora como vocação natural (trabalho feminino), ora como trabalho artesanal (Vianna, 1999).

Segundo Woodward (2000), as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Ao examinar os sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado, pois só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos ideia de como nós, enquanto sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior.

Assim, as representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. Assim, é por meio dos significados produzidos pelas representações que nós atribuímos sentido à nossa experiência pessoal e profissional.

Para Silva (2000), o conceito de representação tem uma longa história, o que lhe confere uma multiplicidade de significados. Entretanto, para o autor, a representação é basicamente uma forma de atribuição de sentido. E, neste caso, a representação se liga à identidade e à diferença, já que a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação, pois é graças a ela que elas passam a existir. Além disso, é por meio da representação que a identidade e diferença se ligam a sistemas de poder, pois quem tem o poder de representar, também tem o poder de definir e de determinar a identidade.

Moscovici (1978) defende que as representações são os movimentos através dos quais os sujeitos procuram entender, absorver e levar para seus próprios universos interiores tudo aquilo que está distante de sua compreensão e experiência. Assim,

podemos inferir que essas representações se afiguram como um dos elos importantes da formação das identidades profissionais docentes.

Nessa mesma linha de raciocínio, Jodelet (2001) reafirma a importância das representações sociais, ao defender que elas são criadas pelos sujeitos com a finalidade de conhecer o mundo à sua volta e para resolver os problemas que emergem continuamente em suas vidas. Logo, o saber constituído pelas representações ajuda a compreender, reconstituir e interpretar os diversos objetos do cotidiano. E referindo-se à relação sujeito-objeto e à representação mental, a autora assinala o fato de que através da reconstituição simbólica é possível ao sujeito superar a ausência e a distância do objeto, fazendo-o presente.

Além dos autores anteriormente citados, Rangel (2004) defende que as representações podem tornar-se elementos valiosos para enfrentar os problemas sócio-educacionais, já que permitem conhecer os diversos sentidos atribuídos pelos sujeitos à própria vida por meio das suas reconstituições simbólicas. Além disso, as representações permitem entender como as pessoas formam suas identidades docentes e quais os elementos mais presentes nessas representações (afetivos, sociais, cognitivos).

Com base nesses autores, consideramos que as representações atuam simbolicamente para classificar o mundo e as diversas relações em seu interior. Além disso, as representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. Assim, é por meio dos significados produzidos pelas diversas representações que cada sujeito atribui um sentido diferente à sua experiência pessoal e profissional.

Por essa razão, questionar a identidade e diferença significa, em última análise, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. Ao serem construídas a partir da linguagem, as representações apresentam características de indeterminação, ambiguidade e de instabilidade. Assim, as representações não estão associadas a uma descrição fidedigna do real, mas são formas de atribuição de sentidos que se modificam conforme o contexto histórico cultural em que os indivíduos estão inseridos.

No que tange aos professores, a identidade se relaciona intimamente com as representações de importantes aspectos da função docente, tais como: diversas intervenções possíveis relativas ao plano educativo, valores e objetivos que são subjacentes à prática docente e múltiplos fatores contextuais que envolvem a função docente, especificamente a valorização do papel social atribuído ao professor. Sem cair num relativismo extremo, podemos afirmar que os professores, de acordo com o nível de ensino no qual lecionam e de acordo com o local no qual atuam, possuem representações diversas sobre o que é ser professor.

Com o objetivo de sondar as representações dos professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, entrevistamos vinte professores dos três níveis de ensino sobre o que significa ser professor atualmente. As respostas evidenciaram diferenças bastante significativas, que passamos a considerar.

Em relação aos professores de Educação Infantil, pudemos verificar que eles carregam, na maioria das vezes, uma imagem difusa e pouco profissional de sua profissão, na qual predomina o carinho, o cuidado, a dedicação e o acompanhamento das crianças que estão sob sua responsabilidade (Silva, 2008b). Embora as creches tenham como objetivo tanto o cuidar como o educar, na maioria dos discursos desses professores predomina ainda o assistencialismo, como podemos observar no seguinte discurso:

Ser professor hoje em dia é antes de tudo acreditar no que se está fazendo, é crer que o contato com os alunos gera esperança [...] a esperança de se fazer um presente e um futuro cada vez melhor, mais humano [...]. Só com muito carinho e atenção é que a criança vai poder se desenvolver plenamente.

Marília, professora de educação infantil há 6 anos

Nas respostas obtidas entre os professores do início do ensino fundamental, percebe-se uma preocupação mais ampla, com base numa educação reflexiva, relacionada ao sujeito aprendente. As representações desses professores entendem-se pela dimensão afetiva, social e cognitiva, como podemos verificar no discurso abaixo:

Ser professor é uma parte importante de minha existência. Reconheço o que faço como a possibilidade que tenho de contribuir para que os outros possam praticar a educação que acredito [...] uma educação que se manifeste preocupada com o sujeito aprendente, considerando todas as suas dimensões: afetiva, social e cognitiva. Minha profissão representa a possibilidade de refletir a vida, fornecendo-lhe o sentido da existência, de mudança e de resistência.

Solange, professora da 3ª série do ensino fundamental há 8 anos.

Em relação aos professores da segunda etapa do ensino fundamental e do ensino médio, verificamos que os diversos discursos apontam para desafios a serem vencidos e centralizam-se no que ensinar e como ensinar. A disciplina a ser ensinada também é apontada como um diferencial que necessita ser considerado, pois para exercer a profissão docente nos dias de hoje é preciso saber trabalhar no campo das incertezas e das contradições:

Ser professor atualmente é trabalhar completamente no escuro [...] Não há certeza de mais nada...E por isso, a prática docente deve basear-se na sensibilidade e na consciência de uma sociedade instável e fluida, em que tudo muda muito rapidamente. Por essa razão, o professor deve estar sempre se atualizando, para que assim possa transmitir aos alunos conhecimentos pautados nas mais recentes pesquisas da área de conhecimento à qual se filia.

Paulo, professor de geografia da 8ª série do ensino fundamental há 4 anos.

Ser professor hoje no meu entendimento é ser um profissional com uma boa formação técnica e teórica. Por essa razão, deve dominar áreas de atuação tanto teóricas como práticas. O professor deve estar constantemente repensando sua ação docente, baseando-se em fundamentos teóricos consistentes, permitindo o entendimento das várias dimensões de sua ação...

Rodolfo, professor de física do ensino médio há 5 anos

Conclusões

A identidade profissional se constroi ao longo da vida do sujeito e depende tanto de aspectos contextuais como de aspectos pessoais, visto que se relaciona ao modo como cada um percebe os demais, bem como às diversas representações pessoais e profissionais que cada um tem de si próprio.

As diversas representações dos professores entrevistados entrelaçam, a todo o momento, ideias relativas à organização dos sistemas de ensino e aos objetivos a serem perseguidos por cada um. Logo, as representações sobre o que é ser professor hoje ganham matizes diversos, de acordo com o nível no qual o professor ensina e a disciplina que ministra, os quais, por sua vez, tendem a focalizar aspectos mais de ordem afetiva, social ou cognitiva.

Tais diferenças ganham sentido à medida que consideramos a identidade profissional dos professores como processos identitários que são construídos paulatinamente ao longo da carreira docente, em resultado das diversas reformulações da identidade psico-social de cada sujeito, para as quais concorrem necessariamente a cultura e o desenvolvimento organizacional de cada escola.

Referências Bibliográficas

- Dubar, Claude. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: ESTRELA, Albano; CANÁRIO, Rui; FERREIRA, Júlia (orgs) **Formação, saberes profissionais e situações de trabalho**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1996, p. 45-52.
- Esteve, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. Porto: Porto Ed, 1995.
- Ferreira, Fernando Ilídio. Identidades dos professores: perspectivas teóricas e metodológicas. In: ESTRELA, Albano; CANÁRIO, Rui; FERREIRA, Júlia (orgs) **Formação, saberes profissionais e situações de trabalho**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1996, p. 309- 328.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JODELET, D (Org) **Representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. RS: Unisinos, 2004.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NISKIER, Arnaldo. Educação em crise. **Jornal Folha de São Paulo**, 12/12/2008, p 3.
- NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Porto Edt., 1995.
- NÓVOA, Antonio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, FEUSP, vol. 25, n. 1, p 1-21, jan-jun, 1999.
- OLIVEIRA, Lélia de Cássia Faleiros. **Gênero, masculinidades plurais e identidades docentes: um estudo das representações de homens-professores**. Tese de Doutorado. São Paulo, FEUSP, 2007, 198p.
- RANGEL, Mary. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais**. Aparecida, SP, Ideias e Letras, 2004.
- Sacristán, J G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **A Profissão professor**. Porto: Porto Edt, 1995, p. 63-80.
- SAINSAULIEU, Renaud. **Sociologie de l'organization et de l'entreprise**. Paris: Presses de La Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1985.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós- modernidade**. São Paulo: Cortez,1997.
- Silva, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Revista Educação e Sociedade**. Dez 2000, vol 21, nº 73, p. 209-244.
- VIANNA, Cláudia. **Os nós do “nós”: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo**. São Paulo: Xamã, 1999
- Woodward, Kathrin. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- Silva, Maria de Lourdes Ramos. Aspectos sócio-afetivos que interferem na construção da identidade do professor. In SILVA, E.R.; UYENO, El.Y.; ABUD, M.J.M. **Cognição, afetividade e linguagem**. Taubaté,S.P, Cabral Edt. Universitária, 2007.
- Silva, Maria de Lourdes Ramos. Docentes, saberes e práticas escolares. In: LAUAND, J (Org.) **Filosofia e Educação: estudos 8**. São Paulo: Factash Edt, 2008a, PP 23- 34.
- Silva, Maria de Lourdes Ramos. Profissionais de Educação Infantil: representações, saberes e práticas. In LAUAND, J (Org.) **Filosofia e Educação: estudos 10**. São Paulo: Factash Edt, 2008b, pp 47-62.